

# ORGANIZAÇÃO SOCIAL E O PAPEL DAS MULHERES NO GRUPO BALANTA PATCH NO CONTEXTO DA GUINÉ-BISSAU<sup>1</sup>

Vânia Virgínia Mendes Correia Tavares<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem objetivo de analisar o papel das mulheres dentro da sociedade Balanta Patch, no contexto social, histórico e cultural de Guiné-Bissau. A partir dessa proposição que definimos algumas questões que conduziram a nossa pesquisa: na expressão humana (grupo étnico) Balanta Patch quais são os papéis sociais das mulheres? Papel das mulheres limita-se a co-criação ou maternidade e trabalho doméstico ou transcende essas esferas enquanto categorias sociológicas? A discussão está embasada em autores (as) como SCOOOL, (2019), DIOP, (2014), Oyewumi (2020), GODINHO, (2015), (CARVALHO, 1982) CAMMILLERI (2010), CABRAL, (1978) e entre outros (AS). Com isso, apresentamos uma contextualização histórica e cultural da Guiné-Bissau, a seguir, destacamos a origem do povo Balanta, um grupo oriundo da norte da África, do actual território do Egito, o Sudão e a Etiópia. A organização social e política do povo Balanta, se caracteriza como sociedade horizontal sem um chefe máximo, em que as decisões são tomadas através dos conselhos de anciões e anciãs. Neste trabalho, privilegiamos a metodologia qualitativa, com ênfase na análise bibliográfica, como mecanismo para efetivar os objetivos centrais da pesquisa. O presente trabalho constitui um esforço político e acadêmico de teorização (hooks, 2007), sobre temas que atravessam a nossa experiência subjetiva-coletiva, como estratégia fundamental no enfrentamento ao epistemicídio e mentecídio, no contexto social marcado pelo fenômeno de eurocentrismo e ocidentalização (OYEWUMI, 2020) das pesquisas africanas e seu impacto no apagamento e exclusão da intelectualidade africana.

**Palavras-chaves:** Balanta Patch (Povo africano) - usos e costumes; mulheres - Guiné-Bissau - aspectos sociais.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the role of women within balanta patch society, in the social, historical and cultural context of Guinea-Bissau. From this proposition we defined some questions that led to our research: in the human expression (ethnic group) Balanta Patch what is the main role of women? Is women's role limited to co-creation or motherhood and domestic work or transcend these spheres as sociological categories? The discussion is based on authors such as (SCOOOL, 2019), (DIOP, 2014), Oyewumi (2020), (GODINHO, 2015), (CARVALHO, 1982) Cammilleri (2010), (CABRAL, 1978) and others (AS). With this, we present a historical and cultural contextualization of Guinea-Bissau, then we highlight the origin of the Balanta people, a group from North Africa, the present territory of Egypt, Sudan and Ethiopia. The social and political organization of the Balanta people is characterized as a horizontal society without a maximum chief, in which decisions are made through the councils of elders and elders. In this work, we privilege qualitative methodology, with emphasis on the technique of bibliographic analysis, as a mechanism to effect the central objectives of the research. The present work constitutes a political and academic effort of theorization (hooks, 2007), on themes that cross our subjective-collective experience, as a fundamental strategy in the face of epistemicitis and menticide, in the social context marked by the phenomenon of Eurocentrism and Westernization (OYEWUMI, 2020) of African research and its impact on the deletion and exclusion of African intellectuality.

**Keywords:** Balanta Patch (African people) - uses and customs; women - Guinea-Bissau - social aspects.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rutte Tavares Cardoso Andrade.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e licencianda em Ciências Sociais pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

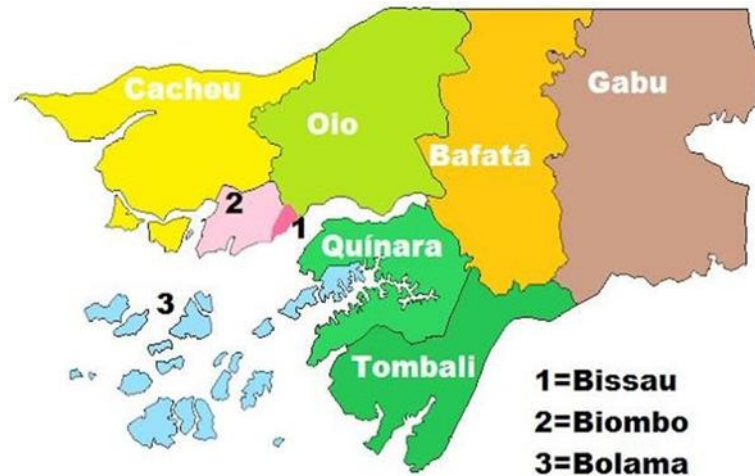
O presente artigo construído a pesquisa do trabalho de conclusão de curso, para a obtenção do título da licenciatura, no curso de Ciências Sociais. Na presente pesquisa que se intitula “Organização Social e o Papel das Mulheres no Grupo Balanta Patch No Contexto Da Guiné-Bissau objetiva-se apresentar a formação das mulheres na sociedade Balanta Patch e questões de gênero que atravessa a configuração da organização social dos Balantas ao considerar os processos de contatos com outros grupos culturais, sistema de religiosidade e seus impactos na concepção dos papéis sociais e relação de gênero.

Na sociedade Balanta, os homens e as mulheres desempenham formações diferentes. Neste trabalho, vamos apresentar as fases de formação das mulheres. A seguir, apresentaremos e organizaremos este trabalho em oito seções. Nesta seção inicial, faremos uma breve contextualização histórica e cultural da Guiné-Bissau. Em seguida apresentaremos breve relato sobre a origem do povo Balanta. Posteriormente, vamos analisar a organização sócio-política do povo Balanta Patch. Na sequência, abordaremos as fases da educação tradicional das mulheres Balanta Patch, com a descrição das etapas de formação das mulheres do grupo Balanta. Por fim, nas considerações finais, faremos um relato geral do debate desencadeada e os resultados chegados ao longo do texto.

É importante destacar que, Guiné Bissau é um país localizado na Costa Ocidental da África, ao norte faz fronteira com Senegal, ao leste e sul com República de Guiné Conacri. A extensão territorial é de 36.125 km<sup>2</sup>, este espaço geográfico está dividido em duas partes: Uma continental que apresenta uma área de 34.625 km<sup>2</sup>, outra insular, com uma área de 1.500 km<sup>2</sup>, composto por arquipélago dos bijagós, que contém mais de 80 ilhas, sendo apenas 20 habitadas (INE, 2014). O país dispõe do clima tropical, isto é, quente e húmido, e compreende duas estações do ano, a chuva e seca. A época seca inicia em outubro e se estende até o mês de maio, por outro lado o período chuvoso começa em maio e termina no mês de outubro.

O país está organizado em oito regiões administrativas, a saber: Bafatá, Tombali, Oio, Biombo, Bolama, Cacheu, Quinara, Gabú e sector autónomo de Bissau (que corresponde à capital do país).

**Figura 1** - Divisão administrativa da Guiné-Bissau



Fonte: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2017/01/guine-6174-p16949-memoria- dos lugares.html>

O país está dividido em três províncias: leste, sul e norte. Cada região está organizada por seus sectores administrativos.

Balanta é um grupo social da Guiné-Bissau conhecido por ter uma sociedade horizontal, isto é, sem um chefe máximo para governar o povo. Todas as decisões são tomadas através de um conselho de anciões e anciãs de uma forma dialogada e atendendo os valores, princípios e interesses do povo Balanta, dentro de uma agenda política de continuidade de seu povo. A partir dessa reflexão que definimos algumas questões que conduziram a nossa pesquisa: na expressão humana (grupo étnico) Balanta Patch qual é a principal papel das mulheres? Papel das mulheres limita-se a co-criação ou maternidade e trabalho doméstico ou transcende outras esferas enquanto categorias sociológicas? Elas participam ativamente nas tomadas de decisão da comunidade, como agente e entidade políticas e econômicas?

A pesquisa científica está presente em todo o espaço da ciência. É um procedimento de averiguar para aprofundar o conhecimento, responder ou indagar sobre um fenômeno. “É uma investigação metódica acerca de um determinado assunto, com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo” Bastos e Keller (1995, p. 53).

Existem varias formas de desenvolver uma pesquisa científica, e o presente artigo tem como objetivo estudar as fases de vida da mulher dentro da sociedade Balanta Patch, a fim de alcançar os objetivos desejados. Entretanto optou-se por uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2010, p. 29),

[...] é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela *internet*.

De fato, método bibliográfico se enquadra no presente estudo, pois revemos materiais já publicados que serviram de base para fundamentar os nossos argumentos sobre a temática. Esta pesquisa buscou aperfeiçoar e atualizar o conhecimento sobre um determinado assunto, através de uma investigação científica de obras já publicadas. “Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54). Os materiais utilizados aqui não são selecionados aleatoriamente, exige seleção rigorosa dos materiais que permite coleção das informações.

### 1.1 JUSTIFICATIVA: (DES)ENCANTOS NO PROCESSO DE TEORIZAÇÃO

O estudo da antropologia é importante porque faz parte do modo de ser das pessoas, todo indivíduo é moldado pela cultura existente no lugar onde nasceu. Por essa razão, a antropologia e a cultura acabam fazendo uma interface interdisciplinar com as outras áreas de formação profissional (BRITO 2006). O estudo da antropologia tem interessado, desde tempo mais antigo, a muitos pesquisadores (OLIVEIRA, 1996; MELLO, 1982; LAPLANTINE, 1988;) em razão de que esse estudo abre possibilidades para a compreensão de como a cultura dos seres humanos se desenvolvem, Canclini (1983) a produção de ideias, valores e símbolos padronizados, vinculados às questões materiais e ideológicas de um povo no contexto histórico onde se insere.

Do ponto de vista da Guiné-Bissau, esse estudo é importante em razão de que ainda são muito poucos os estudos desse caráter. Espera-se com o trabalho, a compreensão da cultura do povo Balanta Patch, de forma específica, a formação da mulher, começando desde a primeira fase de pré-adolescente até a fase adulta, demonstrando as principais funções das mulheres na comunidade. Espera-se que este trabalho apresenta grande relevância acadêmica, pois poderá servir de

referência para os futuros pesquisadores da área. Ainda é importante destacar que este trabalho é importante não só porque contribui na divulgação da cultura Balanta, mas também na medida em que nos possibilita como filha do grupo Balanta e pesquisadora, a ter um conhecimento aprofundado sobre as etapas da formação das mulheres e seu papel dentro da sociedade Balanta Patch.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO E CULTURAL

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO

A Guiné-Bissau é uma ex-colônia portuguesa. Os imperialistas invadiram o actual território da Guiné-Bissau em 1446, sob comando de Nuno Tristão. Nesta primeira parte da invasão e ocupação territorial, os portugueses concentraram-se nas zonas costeiras. Conforme Namone(2020):

Depois da sua chegada, até meados do século XIX, os portugueses limitavam a sua ocupação às cidades litorâneas, especificamente: “Ziguinchor, Farim, Cacheu, Geba, estabelecendo trocas comerciais com os chefes locais”, através de comércio baseado no tráfico de africanos escravizados, da costa da África para o continente americano. (NAMONE, 2020, p.83).

Nos primeiros momentos da invasão, os colonizadores disfarçavam que seus principais objetivos era evangelizar, discurso usado para dominar o povo local, mas só que os seus objetivos principais em territórios africanos, é explorar as riquezas locais, pois a África tornou-se a principal fonte de recursos para sustentar a economia ocidental. Para alcançar os Africanos, os portugueses usavam alguns chefes locais, comitês e régulos<sup>3</sup>, como facilitadores, em troca disso, os chefes recebiam espelho, açúcar, perfume, tabaco, cachaça etc. “Esses chefes locais na sua maioria do grupo social mandinga do Reino de Kabu, recebiam o pagamento de “armas de fogo, tecidos, bebidas alcoólicas” (PAIGC, 1977, p.70).

É importante destacar que, a presença dos portugueses incomodou os nativos na Guiné-Bissau, por isso houve resistência dos nativos como forma de expulsar os colonizadores, e essa resistência aconteceu das mais variadas formas.

---

<sup>3</sup> Régulo é um administrador da comunidade, juiz do povo, alguém que impõe a regra sobre vida das pessoas na comunidade, também é um líder espiritual.

Em 1792, os bijagós escravizaram os ingleses e vendendo-os como a mercadoria pelo mesmo valor dos outros Africanos escravizados. No ano de 1828, o régulo de Canhabak descarta a idéia da venda dos seus terrenos tanto para os portugueses quanto aos outros estrangeiros (LOPES, 1986, p. 12 – 13).

Em 1959, marinheiros, estivadores organizaram uma reivindicação e greve, onde exigiam um aumento de salários. Foram violentamente por militares violentos do regime colonial, o que resultou em mortos e feridos. Este ato resultou em uma revolta que culminou na luta armada entre os povos nativos através do movimento liderado pelo Amílcar Cabral (Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo-Verde- PAIGC) e regime colonial. A luta durou 11 anos, terminando apenas em 1973, a data em que foi proclamada unilateralmente a independência e veio a ser reconhecida pelos Portugueses um ano depois, em 1974.

Depois da independência o país passou por vários momentos de conturbações instabilidade política, que posteriormente, resultou em guerra civil, em 1998, conhecida por “7 de junho. A guerra tinha como principal causa as tensões militares e a reivindicação da melhoria de condição de vida pelos combatentes militares, conhecidos por antigos combatentes. A guerra tinha dois protagonistas: por um lado, tinha junta militar dirigido por Ansumane Mané, que era suportado pelos grupos de pessoas inconformados com regime do presidente João Bernardo Nino Vieira, e por outro lado, tinha governamental que eram tropas do governo apoiando o presidente. A guerra durou 11 meses e concluiu com a fracasso da frente de governo e, ficou como um marco de instabilidade de infraestrutura, política, econômica e social da Guiné-Bissau.

## 2.2 DIVERSIDADE CULTURAL

Guiné-Bissau é uma nação multilingue e contém diferentes expressões humana ou segmentos sociais, cada um com a sua identidade: língua e cultura e seu modo de organização social diferente. Deste modo, cada expressão humana ou grupo encontra-se, maioritariamente, em um território específico em busca de afirmação de sua identidade, resistindo o processo de imperialismo e superando o processo de colonização e seus impactos nas dinâmicas sociais locais e nacionais. Não há um consenso entre pesquisadores, sobre os números das línguas autóctones no território. No entanto, conforme o intelectual Embalo (2018) são mais

de vinte e dois (22) línguas africanas presente no país. Por outro lado, Scantamburlo (2013) e M´bunde (2018) consideram que são cerca de trinta (30) línguas existentes nesse território. Neste sentido, na concepção os pesquisadores Couto e Emabaló (2010) são faladas cerca de 20 línguas autóctones.

Segundo Scantamburlo (2013, p.28) as principais línguas de Guiné-Bissau por porcentagem de falantes são (2013, p. 28), crioulo (44,31%), Balanta (24,54%), Fula (20,33%), Português (11,08%), Mandinga (10,11%), Manjaco (8,13%), Papel, (7,24%), Biafada (1,97%), Bijagó (1,97%), Mancanha (1,86%), Felupe (1,48%), Nalú (0,31%), Inválidos (0,05%). Além dessas línguas destacadas pelo Scantamburlo, existem outras línguas faladas por um grupo de pessoas consideradas menores, entre as quais podemos destacar: Padjadinca, Tanda, Djacanca, Susso e entre outras.

Cada grupo apresenta a sua manifestação cultural diferente de outro e, encontra no seu território uma forma de afirmação de sua cultura e identidade como mecanismo de resistência ao processo de (neo)colonização e forças externas e suas agendas de dominação e exploração. As diversidades culturais são visíveis em manifestações culturais, sobretudo no carnaval, maior evento da manifestação cultural no país.

O carnaval é um lugar privilegiado de observação da identidade étnica e do projeto nacional bissau-guineense. Podem ser percebidos vários costumes ancestrais no desfile, tratado como expressão cultural, e brincadeiras criadas propriamente para o carnaval, tais como: rituais de adoração aos deuses; cerimônia de iniciação; cerimônia de casamento; toca tchuru; momentos de colheita etc. (FOCNA, S. M.; GABARRA, L 2020, p.122)

Carnaval passou a desempenhar um papel dentro do projeto nacional, construindo assim, um elemento simbólico de identidade nacional. As entidades e organizações políticas passam a promover anualmente disputa de desfile de carnaval, permitindo que exista, no ceio dos vários grupos sociais, uma reminiscência coletiva do povo guineense. Ainda existe *mandjuandade* um termo usado para se referir as organizações de colegas e amigos vizinhos que juntam para socializar através de músicas e danças. Na concepção de Sampa e Silva (2017), “Mandjuandade, são agrupamentos de indivíduos de ambos os sexos, da mesma faixa etária, com uma estrutura social específica e hierarquizada, que se confraternizam em festas e encontros sociais”. (SAMPA; SILVA 2017, p.242).

### 3 POVO BALANTA: MA (RE) LEITURA DA ORIGEM E COSMOVISÃO

O nome hoje dado ao grupo Balanta veio do vocabulário Mandinga “abalanta” que significa os que se seguem, os que recusam. Os próprios Balantas se designam em sua língua de “Brása”. O grupo Balanta é identificado como povos resistentes que recusam a submissão dos invasores portugueses.

Balanta é o termo de origem mandinga exprimindo a ideia de recusa, de oposição e de resistência. O próprio CARREIRA fornece-nos a seguinte análise linguística: o termo “Balanta” em língua “mandingo” exprime-se com: ebalanta. Decompondo este vocabulo obtémse: E (eles), -bala(negar), -nta(morfema repetitivo) = eles continuam a negar, e recusar, a revoltar-se, logo os rebeldes, os indomáveis e os refractários. (CARREIRA apud CAMILLERI, 2010, p.15).

Há discordância de fonte sobre a origem do povo Balanta. Segundo as pesquisas de Namone (2020) os arqueólogos asseguram que o povo que deu origem a expressão humana (grupo étnico) Balanta migrou para a atual Guiné-Bissau em grupos pequenos entre os séculos X e XIV d.C. Eles emigraram do actual território do Egito, o Sudão e a Etiópia para escapar da seca e das guerras. São maioritariamente agricultores e criadores de gado, principalmente vacas e porcos. Outra fonte apresentado pelo ABULAI (2014), aponta que os Balantas emigraram do Sudão, do Egito, e da Etiópia à procura de um lugar para lavoura e pastagem de gados, bem como fugiam dos seus antagonistas e também para fugir da expansão de outros reinos. Portanto, os povos Balanta migraram, não apenas pela expansão dos outros reinos, mas a procura de um novo lugar apropriado para agricultura. Atualmente, estão a difundir entre Guiné-Bissau, Senegal e Gâmbia, sendo que a maioria se encontra na Guiné-Bissau.

Os Balantas se encontram praticamente em todo território da Guiné-Bissau, mas em sua maioria na província norte e sul do país. Segundo Cardoso (2002, p. 31), “o grupo étnico Balanta hoje constitui a população maioritária no sul, a região para onde começaram migrar no final de século XIX, a partir da região de Oio, no Norte”. A maioria vive na zona litoral – isso porque arroz, milho e peixe são bases de alimentação desse povo. Portanto, a agricultura constitui a sua principal atividade de subsistência e a lavoura é uma das características culturais fundamentais do povo Balanta. Além da agricultura, a criação de gado representa outra fonte de riqueza



para esse grupo. Os gados têm uma importância simbólica nesse grupo, visto que, são animais muito sagrado para esse povo, por isso valorizam muito esses animais.

O povo Balanta está subdividido em vários grupos, cada um com a sua variedade lingüística distinto de outro. Entre os subgrupos podemos destacar: Balanta Patch, Balanta de Quintoé, Balanta N'hacra, Balanta Damé, Balanta Mané e Balanta Naga. Desse modo, o litoral oferece uma boa condição para sua sobrevivência. Conforme explica Cammilleri (2010), sobre a divisão territorial ocupada pelos Balantas:

No território entre os rios Casamance e Cacheu, antigamente chamada de "BALANTACUNDA", isto é, territórios dos BALANTAS, encontravam-se os seguintes grupos: Balanta Naga, Bajob, Canja e Binako. Os territórios de rio Cacheu e rio grande de Geba, chamado "Botche ni BRASSA" (terra dos Balantas, continua ainda hoje a ser ocupada por grupos Balantas, que por sua valentia eram chamados BRAVOS (kuntoé, Mané, Mansonca, Brasa). Os Balantas chamados BU-UNGE, DE AVE MIGRATÓRIA, UNGE, são os da diáspora, presente em Regiões: Quinara (centro), Tombalí (sul) e Biombo (Oeste) (CAMMILLERI, 2010, p.18).

Todas essas regiões ocupadas pelos *Balantas* são zonas litorais com uma terra boa para cultivar. É importante lembrar que, antes do cultivo do arroz, os anciões e anciãs costumam fazer uma cerimônia e oração a Deus para que o cultivo dê um resultado bom.

Balanta Patch - é o subgrupo dos Balantas que se encontram maioritariamente na região de Oio, setor de Binar, concretamente em "Patch M'dam", que quer dizer Patch grande.

#### **4 PENSANDO A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA DO POVO BALANTA PATCH**

A expressão humana Balanta apresenta uma organização sócio-política horizontal, isto é, sem hierarquia de poder. Não existe um chefe máximo para dirigir a sociedade, a aldeia é base de sua estrutura política, todas as decisões são tomadas através do conselho dos anciões ou anciãs. Conforme CABRAL, (1978) "cada família, cada morança tem a sua autonomia e se houver algum problema, são os conselhos dos velhos que costumam resolver, mas não há um Estado, não há nenhuma autoridade que manda em toda gente" CABRAL, 1978, p. 124). E também

não centralizam o poder somente para os homens, por isso é que existe anciões e anciãs.

De acordo com AMADIUME (1997, pg.327):

o conceito matriarcado não é o de um sistema que abrange uma totalidade, como o de governo central em uma sociedade, mas um sistema estrutural em justaposição com outro sistema em uma estrutura social. A legitimidade do poder exercida pelas mulheres transcende a esfera doméstica e chega a esfera pública, onde a mulher exerce um poder de governo e jurídico dentro de suas comunidades, o que representa necessariamente um poder de dominação central totalitário na sociedade. O matriarcado também não representa a ausência do poder central exercida pelo homem, nem uma simples afirmação dos direitos das mães pelos laços uterinos, mas vai além, na esfera do poder político e jurídico exercido pelas mulheres fora do âmbito doméstico.

Diante disso podemos afirmar que nessa sociedade, as mulheres desempenham outras funções para além de cuidar da casa e dos filhos. Diferente de outros povos como, Fulas e Mandingas que apresentam uma estrutura sócio-política “vertical”, em que existe um chefe máximo (régulo<sup>4</sup>), nobres e subordinados, entidades religiosas, artesões os *dioulas* ou comerciantes ambulantes e, por último, os súditos. Qualquer problema, considerado grave na comunidade, é resolvido pelo régulo. Régulo administra uma região constituída pela pequena aldeia, cada aldeia tem o seu djarga<sup>5</sup>, em caso de ausência de régulo ou quando o problema é considerado razoável é resolvido por um comitê ou djarga da comunidade. Além de Fulas e Mandingas, Papeis, manjacos também têm um chefe como aponta (CABRAL, 1978):

Os *Fulas* e os *Manjacos* têm chefe, mas, não imposto pelo tuga; é a própria evolução da sua história, a sociedade *fula*, por exemplo, ou a sociedade *manjaca*, já é uma sociedade que tem gente (classe) de baixo para cima. Uns são mais do que outros. Quer dizer, as sociedades *manjaca* e *fula* são chamadas sociedades verticais. Em cima há o chefe, a seguir os religiosos, a gente grande da religião que, com os chefes, formam uma classe, a seguir vem outros de profissões diversas (sapateiros, ferreiros ouvires) que em qualquer sociedade não têm direitos iguais aos de cima (CABRAL, 1978, p.124-125).

A partir da estrutura sócio-política apresentado acima, percebe-se que Fulas, Manjacos, Mandingas e Papeis apresentam uma sociedade patriarcado, pois todas

<sup>4</sup> Régulo é um chefe máximo, não jurídico, de uma aldeia.

<sup>5</sup> Djarga é representante, porta-voz de uma comunidade.

as funções ou cargos importantes são ocupados pelos homens. (OLIVEIRA, 2018) afirmam que:

Cheik Anta Diop teve acesso a pesquisas realizadas por antropólogos sobre o matriarcado africano a partir das produções do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, na visão deles matriarcado era relacionado à poliandria, mostrando ser esta uma forma de organização promíscua. Estas pesquisas associavam o matriarcado a posições de autoridade política ocupadas por mulheres e o colocava como um sistema oposto ao patriarcado. (OLIVEIRA, 2018, p. 319)

Ao analisar esta definição de matriarcado, percebe-se que nas sociedades dos Fulas, Manjacos, Mandingas e Papeis as mulheres assumem funções menos importante, tendo como principal função a maternidade e o trabalho doméstico. Por exemplo, na sociedade dos Fulas e Papeis, em que existe sistema regular, as mulheres não podem assumir esse poder, apenas os homens podem ser régulo. Na comunidade dos fulas, além de régulo, existe *Imame*, um poder muito respeitado. Para ser *Imame* a pessoa deve ter conhecimento muito aprofundado do alcorão e respeitar todos os preceitos do islão, mas é uma função destinada apenas para os homens, a mulher mesmo reunindo todos os requisitos não pode assumir o cargo. Considerando tudo isso, com base na definição de patriarcado que Oliveira (2018) apresentou podemos afirmar que as mulheres guineenses desde a luta da libertação não ficaram por trás, como aponta GODINHO& FIGUEIREDO, 2016, p.910) “as mulheres demonstraram uma reconhecida capacidade em se implicar em ações em prol da restauração e da preservação da liberdade confiscada durante a experiência colonial”. Nessa época, as mulheres guineenses, carregavam duas pautas, uma pela luta de gênero de espaço na sociedade guineense e outra contra o regime colonial de dominação e opressão.

Segundo o intelectual senegalês Cheikh Antah Diop (2014) “o regime matriarcal é geral em África quer na antiguidade, quer nos nossos dias, este traço cultural não resulta de uma ignorância do papel do pai na concepção da criança” (DIOP, 2014, p. 66). Tal entendimento confirma que Diop concorda, de modo geral, que na antiguidade e na contemporaneidade, a sociedade africana inclui as mulheres na tomada de decisões importantes. Na Guiné-Bissau, a sociedade Bijagó é conhecida como uma sociedade matriarcal, em que as mulheres são responsáveis da família, como aponta (SCHOLL, 2019):

o matriarcado vigoraria na ilha de Orango Grande, na aldeia central Etikoka, com argumento de que esta questão a partir de elementos culturais, entendido na observação do comportamento das mulheres, onde estas não se adéquam a expressão do sexo débil (SCHOLL, 2019, p.163).

As mulheres, depois da cerimônia de iniciação, são livres de escolher os seus maridos, também têm direito de separar quando sentem atraídas. Como já mencionado acima, os Balantas apresentam uma sociedade diferente dos demais grupos sociais, não existe um chefe máximo, a comunidade é dirigida por conselho de anciões e anciãs. Para fazer parte do conselho de ancião e anciã é preciso passar por diferentes etapas de formação da vida do homem e mulher Balanta. Essas etapas de formação das mulheres são principais pontos que iremos explorar neste trabalho.

De modo geral, a equidade prevalece entre os Balantas, o que, conseqüentemente dificultou os colonizadores Portugueses em governar este povo. Segundo Cabral:

Os Balantas, apesar de revelarem fortes tendências para a poligamia, são na sua grande maioria monogamos. A mulher participa na produção, mas é proprietária do que produz o que lhe confere uma situação privilegiada, pois a sua liberdade é efectiva, exceto no que se refere ao filho, que o chefe da família pode sempre reclamar; é necessário detectar aqui uma razão económica, ou seja, a força de uma família é, sobretudo representada pelo número de braços capazes de trabalhar (CABRAL, 1978, p. 101).

Os principais meios de subsistência, na comunidade de Balanta, é a agricultura, cultivo de arroz. Em relação ao trabalho agrícola, é de sinalizar que homens e mulheres dividem tarefas de igual. Na primeira fase do trabalho, os homens responsabilizam de lavoura, as mulheres de semear, na segunda fase, os homens ceifam com foice e mulheres colhem, separam e transportam para casa. Além de cultivo de arroz, as mulheres cultivam feijão e amendoim com intuito de vender depois e comprar roupas para seus filhos, contribuir nas cerimônias ou festival da comunidade.

Portanto, na sociedade Balanta, papel da mulher não é reduzido na maternidade e trabalho doméstico. Além de cultivo de arroz, produzem amendoim, feijão, mandioca, inhame. Também fazem criação de animais como: porco, galinha, cabra, pato entre outros.

Como já mencionado, as economias guardadas pelas mulheres servem para realizar algumas despesas como comprar tecidos para cerimônias de *toka tchur*,

*fanadu*, *kanta pó* e outras cerimônias. *Toka tchur* é uma cerimônia destinada a “contentar a morte” para que ela não volte a fazer mal aos familiares, isso ocorre porque o povo Balanta acredita que existe a vida pós a morte. Assim, quando morre uma pessoa casada, os seus familiares devem realizar *toca tchur*, que é um rito para ajudar a alma da pessoa a chegar ao seu destino final. E *Fanada é uma cerimônia de circuncisão feita na mata*, é a última fase da iniciação de um home Balanta. Depois de realização dessa cerimônia, a pessoa volta responsável, com poder de formar uma família e de participar no conselho dos anciões.

*Kanta pó* é termo *Balanta* literalmente em português “cantar pau” que significa na língua balanta “*rib balakc*” é uma competição de dança exclusivamente pelos jovens que estão na fase de “blufo bindan” de uma aldeia. É a última fase que um jovem passa para depois ir ao *fanado* (fó). No *kanta pó*, os jovens das aldeias mostram habilidades e conhecimentos acumulados desde a primeira fase da vida, também é última fase de vida para tornar-se um ancião, um “homi garandi”. Esta competição é organizada pelos anciões e anciãs.

Sobre a sociedade Balanta Cabral afirma:

Os Balantas não têm chefes, cada família, cada morança tem a sua autonomia e se há algum problema, são os conselhos dos velhos que o resolve, mas não há um Estado, não há nenhuma autoridade que manda em toda gente (CABRAL, 1978, p. 124).

Na concepção da família, segundo o pensamento tradicional, alguns aspectos culturais são importantes e fazem parte da vida do indivíduo, como casamento, a iniciação, a morte e a visão da vida pós-morte. Portanto, a família inclui não só pai mãe e filho, assim como os descendentes. Também há denominado família comunitária alargada. A estrutura sócio-familiar dos Balantas Patch possui muitos valores, como alto sentido da dignidade da vida humana, o respeito pelos anciões e anciãs, a partilha e o segredo.

Segundo narrativa dos mais velhos, as mulheres são responsáveis de todas as cerimônias e festas da comunidade. Pois são “*bide ni pan*”, termo em língua Balanta que significa mulheres de casa. Essas mulheres em maioria das vezes são responsáveis de fazer as compras com o dinheiro da cotização delas, onde compram produtos alimentares e animais usados nas cerimônias, de *toka tchur*,

fanado, cussundé, canta pó etc. Portanto, a moransa<sup>6</sup> que tiver mais *bide* tem mais força para organizar qualquer cerimônia ou festival, isso mostra que as mulheres têm um papel decisivo para qualquer evento na comunidade. Esta prática é muito antiga na sociedade Balanta.

## 5 MULHER E SEU PAPEL SOCIAL DENTRO DA DINÂMICA SOCIAL E MATRIZ CULTURAL BALANTA

Na sociedade de Balanta existem fases de formação que regem todo o processo de construção de subjetividade e (re) ontologização dos homens assim como das mulheres. Neste trabalho, centralizaremos a nossa atenção nas etapas de formação da subjetividade das mulheres, considerando a relevância do sistema de matriarcado nesse processo. Nesta fase a mãe é a maior responsável de transmitir o ensinamento para a sua filha, pois na comunidade Balanta a mulher tem mais facilidade de ensinar a menina e o homem o menino.

Segundo a socióloga nigeriana, a compreensão iorubá da categoria **sócio-espiritual** de ìyá (mãe) é diferente, porque, na origem, não derivou de noções de gênero. A língua original utiliza a terceira pessoa, referindo ao pronome sênior/formal para denotar senioridade e indicar respeito. Isso porque as abordagens teóricas dominantes da maternidade feminista e não feminista – representaram a instituição como generificada (OYEWUMI, 2020).

A introdução do gênero no sistemas de conhecimento e pensamento iorubás provocou uma mudança epistemológica de uma cosmopercepção não generificada para uma cosmovisão generificada. ìyá está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que descrevo como princípio matripotente. A Matripotência são os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de ìyá (OYEWUMI, 2020).

Na seção seguinte apresentaremos as fases de formação da mulher Balanta.

---

<sup>6</sup> Moransa é comunidade que agrega uma família grande, por exemplo, irmãos, tios, tias, primos, netos etc.

### 5.1 FASE MBI FULA U SONH

A infância constitui a primeira fase ou primeiro ciclo de formação de uma mulher Balanta. *Mbi fula ou fule usonh* que na Língua Balanta significa filha pequena. Nesta fase a educação depende, de sua boa parte de pai e mãe, apesar que, na comunidade Balanta todas as pessoas com experiência podem contribuir na formação da criança. Nesta fase as meninas começam a aprender os trabalhos através das pessoas mais velhas, como lavar louça, varrer a casa, aprender a cumprimentar e respeitar as pessoas. Na cultura Balanta existe a prática de criação, em que a tia pode ajudar a criança. Na criação a criança ajuda a tia nos trabalhos de casa e no cultivo de arroz.

### 5.2 FASE FULA N'DAN

Nesta fase compreende meninas de 10 a 15 anos de idade. É a fase que as meninas aprendem trabalhos um pouco mais pesados e intensos em relação à fase anterior. Elas começam a frequentar a bolanha para ajudar no cultivo de arroz, aprender a pescar com outro grupo mais experiente. Não gritar com pessoas mais velhas, cuidar do cabelo, ficar sempre limpa. “Os Brassa estão convencidos que se a mãe não se separar da filha e está por acaso se tornar excessivamente caprichosa e extravagante, a culpa recairá sobre a mãe que será considerada demasiada possessiva”. (CAMMILLERI, 2010. p.47). Portanto, a criação não deve limitar a mãe.

### 5.3 FASE IEGLI

Esta fase é a fase mais importante para as mulheres desse grupo social, pois é o casamento. Podendo assim dizer que quando a mulher entra nessa fase ela é considerada uma mulher. Vale ainda ressaltar que esta mulher não tem uma formação completa da vida, mas recebe todo o respeito de uma mulher já formada. Se por ventura ela morrer nessa fase, é feita os rituais fúnebres da mesma forma de uma mulher mais velha, e o seu funeral é honrado por toda parte da aldeia. Nesta fase, a mulher pode preparar comida dos trabalhadores, tratar os iobidi que quer dizer hóspedes na língua Balanta.

#### 5.4 FASE THATA

É a fase onde as mulheres têm mais liberdades e responsabilidades de tudo em casa, de cultivar feijão, amendoim etc. também ajudam os seus maridos em diversos trabalhos, como é o caso da pesca, trabalhos de campo, como cultivo de arroz, milho e muitas outras. Os Thatas têm o conhecimento da medicina tradicional, quando uma criança adoecer elas usam raízes para curar a criança, se a criança não recuperar, Thata encaminha-a para curandeiro tradicional conhecido por *kisigue*.

#### 5.5 FASE SADE

Na sociedade Balanta não existe hospital, os Sadas são responsáveis de curar as pessoas. Nesta fase a mulher pode ser *kisigue*, elas desempenham as funções das grandes importâncias simbólicas, como receber os espíritos, vigiar as crianças (CAMMILLERI, 2010.p.53). SADE orienta a Thata em toda a vida da família. Thata deve consultar Sada em tudo que vai fazer, não pode fazer nada sem a permissão de Sada.

#### 5.6 FASE ANIN N´DAN

Esta é a última fase de uma mulher Balanta. Nesta fase a mulher não pode mais trabalhar, por falta de força física. Como uma pessoa experiente, ela participa em todas as tomadas das decisões dos grupos das anciãs. Anin ndan são consideradas enfermeiras que cuidam de parto e qualquer doença que toca com as mulheres, conduzem as reuniões e cerimônias sagradas das mulheres. Como mulheres experientes, elas desenvolvem “as atividades artesanais, tais como: fabricação de sal, fabricação de sabão, extração de óleo de palma (azeite de dendê), tecelagem de redes de pesca, de bordados” (NAMONE, 2020, P.202).

### 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função das mulheres é uma temática que veio a ganhar notoriedade ao longo do tempo pelos pesquisadores/as contemporâneos na Guiné-Bissau. É um



estudo que busca quebrar com a ideia de que as funções das mulheres limitam na maternidade e trabalho doméstico, mas sim mostrar a capacidade das mulheres na tomada de decisões e organização social. Com esse propósito, compreende-se que, os Balantas, diferente de outros grupos sociais da Guiné-Bissau, apresentam uma sociedade horizontal. Pois, todas as decisões são tomadas por meio de um conselho de anciões e anciãs, permitindo, portanto, a participação de toda a comunidade na tomada de decisão, tanto mulheres quanto homens são importantes na sociedade dos Balantas.

Compreende-se que as mulheres Balanta Patch participam ativamente em todas as atividades da comunidade. Elas são responsáveis de conduzir cerimônias de casamento, lavagem - uma cerimônia que os Balantas faz para purificar as pessoas que engravida antes de casamento, o namorado e namorada grávida devem procurar as anciãs, mulheres com experiência, para serem lavados no rio e comer *ntchinta de fundu*, comida tradicional específica para essa cerimônia. Na lavagem, só as mulheres podem ir o rio, os homens não podem aproximar da localidade em que irá ocorrer a cerimônia.

As mulheres também são responsáveis de *fritch* da comunidade, que significa, na língua Balanta, casa dos ancestrais e Deuses. Na *fritch* os Balantas pedem intercessão aos seus ancestrais e seus Deuses, para que nada de mal aconteça na comunidade e, também, os responsáveis de *fritch* são mulheres curandeiras conhecedoras das raízes medicinais. Responsáveis de *fritch* são enfermeiras da sociedade, elas recebem pessoas de diferentes localidades.

As mulheres Participam ativamente na agricultura, pesca e outras atividades que contribuem para aumento da economia familiar. São artesãos de barro, elas conseguem criar, com argila, diversas peças como: vaso, pote, panela, entre muitos outros artesanatos. Em suma, respondendo o nosso problema da pesquisa, verifica-se que papel das mulheres não limita apenas na maternidade e trabalho doméstico, elas são protagonistas da sociedade, participam efetivamente nas tomadas de decisão, os trabalhos que desenvolvem contribuem para sua autonomia financeira e sua emancipação.

## REFERÊNCIAS

- AMADIUME, Ifi. *Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture*. Interlink Publishing Group, 1997.
- BASTOS, C. L.; KELLER, V. *Aprendendo a aprender*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BRITO, Francisco de Assis Toscano de. Um Breve Estudo Sobre a Antropologia e a sua Importância nas Ciências Aplicadas. v. 4, n. 2, p. 75-86, Dezembro/2006.
- CABRAL, Amílcar; ANDRADE, Mário Pinto de. (orgs.) **A prática revolucionária: unidade e luta II**. 2ª v. Lisboa: Seara Nova, 1977. p. 217.
- CABRAL, A. & ANDRADE, M. P. de. (orgs.) **A arma da teoria: unidade e luta I**. 1ª ed. Lisboa: Seara Nova, 1978. p.234.
- CAMMILERI, Pe Salvatore. *A identidade cultural do povo Balanta*, Edições, calibri e Faspebi, Lisboa Novembro, 2010.
- CAMMILLERI, Salvatore. *Identidade cultural do povo Balanta*. Trd. Lino Bacari e Maria Fernanda Dâmaso. ed: Fernando Mão de Ferro. Lisboa, novembro de 2010. P.07-117.
- CANCLINI, NESTOR G. (Org.). *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARDOSO, F. L. Subsídios para o estudo do movimento migratório na Guiné-Bissau. **SORONDA**- Revista de estudos guineenses – INEP. Bissau, v. 3, Série II. P. 29-51, 2002.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. *Literatura, língua e cultura na Guiné- Bissau – um país da CPLP*. PAPIA, Brasília, n. 20, 2010. Número especial.
- CARVALHO, E. de A. — *Marxismo e antropologia: a constituição de uma possibilidade teórica*. *Estudos Goianenses*, 70(3/4): 213- 6, 1982.
- DA SILVA, C.L.; SAMPA, P. J. *Língua portuguesa na Guiné-Bissau e a influência do crioulo na identidade cultural e no português*. **RILP** - Revista Internacional em Língua Portuguesa, nº31 – 2017.
- DIOP, C. A. *A Unidade Cultural da África Negra. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica.*: Luanda-Angola: Ed. Mulemba, 2014.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. *In: DURKHEIM, Émile. Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1973.
- DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. *As civilizações – elementos e formas*. *In: DURKHEIM, Émile. Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 475-493.

EMBALÓ, F. **O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional.** PAPIA, nº18,2008, p.101-107.

Figueiredo, A., & Gomes, P. G.. (2016). Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 24(Rev. Estud. Fem., 2016 24(3)). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p909>.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 5ª ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

GODELIER, M. — Anthropologie et economie. *In: Horizons: trajectes marxistes en anthropologie.* Paris, Maspero, 1973. p. 13- 82.

FOCNA, S. M.; GABARRA, L. O. e. Carnaval do Ntuduru: Diversidade cultural e identidade nacional. **Tensões Mundiais**, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 119–142, 2020.

INE (Instituto Nacional de Estatística guineense). Disponível em < <http://www.stat-guineebissau.com/>>. 2014.

LOPES, Carlos. Boletim de informação socio-económico. “A Guiné-Bissau a procura de um modelo social”. *Revista de estudos guineenses - Soronda.* 1986.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SANHA, Pe.abulai. Funeral dos balantas patch no contexto da pastoral funerária cristã, para uma evangelização inculturada e um diálogo convergente. Monografia (licenciatura) Seminário Maior Dom Settimio Arturo Ferrazeta em Bissau, 2014.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia Cultural. Petrópolis: Vozes, 1982.

NAMONE, D. **EDUCAÇÃO TRADICIONAL E MODERNA NA GUINÉ-BISSAU E O IMPACTO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali.** 2020. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In: Revista de Antropologia.* São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1996, V. 39, nº 1.

OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli de. Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018.

SCANTAMBURLO, L. O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português: o Ensino Bilingue Português-Crioulo Guineense. Tese de doutorado. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa: 2013.

SCOOL, C. J. Matriarcado e África: discursos na história acerca de poder político e gênero, *In*: FONSECA, M. B.; OLIVEIRA, F. C. de. África e suas relações de gênero. Rio de Janeiro: Edições Áfricas; Ancestre, 2019. p. [155-184]. E-Book.